

LOCALIZAÇÃO DA URGÊNCIA SUBJETIVA EM PSICANÁLISE

Sandra Leticia Berta

Psicanalista. Mestre e Doutora em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo (USP). Analista Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (FCL). Membro do FCL de São Paulo. Coordenadora da Rede de Pesquisa sobre as Psicoses do FCL de São Paulo. Membro fundadora da Rede e Pesquisa de Psicanálise e Saúde Pública do FCL de São Paulo. Autora do livro *Escrever o trauma, de Freud a Lacan*. São Paulo: Annablume, 2015.
E-mail: bertas@uol.com.br

Resumo: A localização da urgência subjetiva refere-se à temporalidade do instante de ver, no qual o sujeito sabe estar perante um acontecimento pelo qual terá de responder. A especificidade desse debate sobre a urgência exige que os psicanalistas, em cada caso, operem um trabalho de localização da questão que se revela para o sujeito. Partindo de uma experiência clínica com uma equipe de urgência formada por psicanalistas, revisamos alguns aspectos dos conceitos de angústia e trauma, os quais oferecem precisões para o tratamento dessa questão.

Palavras-chave: urgência; subjetiva; psicanálise; trauma; sujeito.

Abstract: Locating subjective urgency refers to the temporality of the seeing moment, in which the subject is aware of facing an event that she/he are required to provide a response to. The specificity of this debate about urgency requires that psychoanalysts, in each case, engage in a work of locating the issue that is revealed to the subject. Starting from a clinic experience with an emergency care team consisting of psychoanalysts, we review some aspects of the concepts of anxiety and trauma, which provide accuracy to address this issue.

Keywords: urgency; subjective; psychoanalysis; trauma; subject.

*Nada há de criado que não apareça na urgência,
e nada na urgência que não gere sua superação na fala.*
(LACAN, 1953/1998, p. 242)

A urgência em psicanálise é um tema intrínseco à prática psicanalítica. Frequentemente, acolhemos pessoas que passam por um momento de crise no qual os recursos que elas têm para dar conta da sua existência se desestabilizam. Trata-se de um ofuscamento da realidade psíquica. Realidade psíquica e fantasia são os termos

freudianos e lacanianos, respectivamente, para denominar a janela (o quadro) da vida. Acolher esses estados de urgência levanta um interrogante para as particularidades das intervenções clínicas, qual seja, qual é a localização da urgência subjetiva? Uma pergunta a ser respondida em dois planos: espacial e temporal.

Partirei de uma experiência pessoal, pois foi no início de minha formação em psicanálise que tive a oportunidade de participar de um debate sobre a noção de urgência subjetiva em psicanálise, deixando efeitos indelévels na orientação para acolher o sofrimento.

Uma experiência marcante e a orientação da pesquisa sobre a urgência subjetiva

Em 1987, na Residência de Saúde Mental do Hospital Araoz Alfaro (Lanús, Buenos Aires, Argentina), tive o privilégio de trabalhar com uma equipe de psicanalistas de orientação laciana que se perguntaram sobre a urgência subjetiva em psicanálise. Tal equipe estava iniciando um trabalho a partir de uma proposta debatida com o psicanalista francês Éric Laurent (2006). Essa aproximação à clínica psicanalítica com atuação no hospital fora uma possibilidade ímpar que marcou meu percurso. A pergunta que nos fora colocada à época – “o que é urgência subjetiva, em psicanálise?” – é uma bússola até hoje. Evoco, aqui, as palavras de um dos supervisores dos residentes, o psicanalista argentino Ricardo Seldes (2006, p. 34, tradução nossa):

Naquele momento (1987), cuidamos de dar algumas definições da urgência como subjetiva e todas elas apontavam a levar em conta a dimensão real em jogo. Isso que Lacan tampouco queria definir demasiado, mas que, pelos motivos que nos interessam aqui, podemos definir como sendo aquilo que, no discurso do mestre, não anda, isso que o discurso não consegue cernir, isso que têm algo muito singular para cada um. Tentávamos estudar as urgências subjetivas com uma ampla gama de descrições: esses momentos de crise na vida de um sujeito que, não podendo dar conta de seu sofrimento, ou seja, quando o discurso não lhe alcança para entender, manobrar, esse sofrimento infável, fica sem palavras, sem imagens, ou fica fechado no maior mutismo sendo impulsado a atos desesperados ou é tomado presa da mais cruel angústia.

Logo soubemos que uma *questão preliminar sobre a urgência subjetiva em psicanálise* deveria ser formulada a partir do conceito de angústia e da teoria do trauma, cujos referentes epistêmicos se encontravam na obra de Sigmund Freud e no ensino de Jacques Lacan. Iniciava-se, assim, uma pesquisa sobre a práxis da teoria que articulava urgência, angústia e trauma.

Ainda hoje, concordo plenamente com Seldes (2006), pois considero que a urgência subjetiva é uma noção intimamente ligada à psicanálise e ao psicanalista. Parece-me que, com essa noção de urgência subjetiva, construímos, desde aquele então, uma arma de arremesso (arrojo-ousadia) para articular intervenções clínicas da psicanálise em cada caso a ser acolhido no âmbito privado e nas instituições de saúde pública.

Em 2013, quando fundamos a Rede de Pesquisa de Psicanálise e Saúde Pública do Fórum do Campo Lacaniano (FCL) de São Paulo¹, propus pesquisar, mais uma vez, esse tema com o intuito de avançar em novas elaborações. A urgência subjetiva e o trauma têm sido motivo de pesquisa e produção com os participantes dessa rede, os quais decidiram escrever sobre o tema.

Sobre angústia e urgência subjetiva

O conceito freudiano de angústia, a partir de 1926, indica *desamparo*, seja o desamparo material (caso do perigo real) ou o desamparo psíquico (as exigências pulsionais do Id). O desamparo é o *nódulo* da situação perigosa definido como perturbação econômica que provoca o *autômaton* da angústia. A *angústia-sinal* tem lugar no eu quem, por sua vez, é o responsável por emitir tal sinal. Isso indica um *tópos*, lugar, para esse conceito de angústia ao qual Lacan dera outra extensão.

Lacan, seguindo a trilha freudiana, oferece uma definição da angústia que impacta pela simplicidade e agudeza, tendo um valor inestimável para a clínica. A angústia é correlativa do momento em que o sujeito se vê questionado em sua existência, sem poder se reconhecer no passado nem imaginar o que será no futuro (BERTA, 2007). Portanto, angústia é correlata do momento (temporalidade) em que “o sujeito está suspenso entre um tempo em que ele não sabe mais onde está, em direção a um tempo em que ele será alguma coisa na qual jamais se poderá reencontrar” (LACAN, 1956-1957/1994, p. 231).

A angústia, afeto expectante, é índice do desamparo, qual seja, a castração Real. Antes mesmo de referir-se à angústia como “afeto que não engana”, Lacan deu uma pista da relação entre a angústia e a espera. No Seminário “A transferência”, ele afirma:

¹ Ana Laura Prates Pacheco, Silvana Pessoa, Rodrigo Pacheco, Sandra Berta, Raul Albino Pacheco Filho (coordenador) e Maria Livia Moretto (coordenadora) são os membros fundadores da Rede de Psicanálise e Saúde Pública do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano.

No *Hilflosigkeit*, o desamparo, o sujeito é pura e simplesmente transtornado, ultrapassado por uma situação eruptiva que não pode enfrentar de modo algum. Entre isso e empreender a fuga – fuga que, para o ser aqui teórico, o próprio Napoleão considerava a verdadeira solução corajosa quando se tratava de amor – existe uma outra solução, e é o que nos indica Freud sublinhando na angústia seu caráter de *Erwartung*². Aí está a característica central. O fato de que possamos fazer dela, secundariamente, a razão de fugir é uma coisa, mas não é este o seu caráter essencial. Seu caráter essencial é o *Erwartung*, e é isso o que designo a vocês ao dizer-lhes que a angústia é o modo radical sob o qual é mantida a relação com o desejo. (LACAN, 1960-1961/1992, p. 353; grifo do autor)

Nesse trecho já observamos a passagem que se dá entre a angústia-sinal que promove a fuga e a angústia neurótica. O encontro com o Real tem uma manifestação denominada, com Freud e Lacan, *Hilflosigkeit*, o desamparo humano. A angústia provocada por situações de perigo externo tem como resposta: a fuga. Entretanto, para a angústia neurótica há duas respostas essenciais, a saber: sintoma e fantasia (BERTA, 2007).

Finalmente, será no Seminário “A angústia” que Lacan (1962-1963) definirá o conceito de angústia vinculando-o a uma experiência de certeza. No instante em que a presença da alteridade torna-se enigmática, quando a estranheza inquietante nos atinge, esse afeto ímpar que não cede de sua certeza – a angústia que não engana – invade-nos.

Certamente, a urgência subjetiva é um estado de fuga disso que concerne o sujeito no mais íntimo de seu desejo, que nada mais é do que reposta ao campo do gozo. Razão pela qual se põe em perspectiva a junção do *Unheimlich* (o estranho)³ com o *Hilflosigkeit*. Desse modo, o conceito de angústia ultrapassa sua definição de espera (*Erwartung*), função do sinal do eu, para apontar que no encontro com o *Unheimlich*, algo se torna o surgimento do *heimlich*, do familiar, no quadro da vida. Esse familiar é o objeto da angústia. “Este surgimento do *heimlich* é que é o fenômeno da angústia, e é por isso que é falso dizer que a angústia é sem objeto” (LACAN, 1962-1963, p. 83).

Entre a espera e a certeza da angústia, a junção entre o estranho e o desamparo se localiza a urgência subjetiva. Essa urgência-índice do *si mesmo* do qual não é possível

2 Espera, esperança.

3 Várias são as traduções desse termo, amplamente debatido pelos autores, a partir das indicações de Freud.

fugir. Evocamos, com isso, o campo pulsional que está em jogo na urgência subjetiva que poderá ser colocado em pauta na atualização da realidade sexual do inconsciente (definição lacaniana da transferência desde 1964).

Urgência subjetiva: *desespero humano*

No livro *O desespero humano*, do filósofo Sören Kierkegaard (1846/2003, p. 24), a “doença mortal” refere-se ao mal que termina pela morte “sem que após a morte subsista qualquer coisa”. Para o filósofo, o desespero é a “doença mortal” porque longe de nele morrer, o problema está em não poder morrer dele. Sören Kierkegaard, orientando-se na filosofia cristã e suas considerações acerca da imortalidade da alma no mortal, fisga algo que se evidencia em todo momento de urgência subjetiva. Evoco suas palavras:

Desta forma, estar mortalmente doente é não poder morrer, mas neste caso a vida não permite esperança, e a desesperança é a impossibilidade da última esperança, a impossibilidade de morrer. Enquanto ela é o supremo risco, tem-se confiança na vida. Mas quando se descobre o infinito do outro perigo, tem-se confiança na morte. Entretanto, quando o perigo cresce a ponto de a morte se tornar esperança, o desespero é o desesperar de nem sequer morrer. (...) eternamente morrer, morrer sem, todavia, morrer, morrer a morte. Porque morrer significa que tudo está acabado, mas morrer a morte significa viver a morte. E vivê-la um só instante, é vivê-la eternamente. (KIERKEGAARD, 1846/2003, p. 23)

O filósofo conclui a primeira parte de seu livro afirmando que aquele que desespera não pode morrer.

O desespero humano é um antecedente das elaborações freudianas sobre o *Além do princípio do prazer*, de 1920, onde lemos que há acontecimentos que rompem a homeostase subjetivante, a ser entendida como realidade psíquica, e que imprime à vida humana uma tela de fundo onde o mal-estar é a constante. A temporalidade desse instante, que pode ser prolongado indefinidamente, foi retomada pela psicanalista francesa Colette Soler, quando afirma que há instantes que podem durar uma eternidade.

Temporalidade do instante, acontecimento traumático e urgência subjetiva são índices da negação da espera. Des-esperar um instante em que a palavra não civiliza ou transborda. Contudo, para que esse instante não projete uma temporalidade assintótica, só resta dar lugar à fala na qual o sujeito terá a possibilidade de se dizer aí

onde não se encontra mesmo que se saiba concernido. É preciso que esse saber em suspensão, próprio da *a-topia* do sujeito, se relance; e aí a presença de um analista pode fazer a diferença. Por essa razão, na urgência subjetiva há uma pressão por concluir, no sentido lato de “tirar conclusões” sobre o que se é a partir de qualquer acontecimento, evidente ou não, que desloca o “quadro da vida”.

A urgência subjetiva e o trauma

Die Not des Lebens, o estado de urgência do qual nos adverte Freud desde 1897, essa urgência que se atrela às necessidades vitais, nada mais é do que as vias que cernem o segredo mais íntimo do sujeito, qual seja, sua extimidade, *das Ding*, a Coisa que faz de *húmus da linguagem*, sua própria *a-topia*. A urgência subjetiva liga-se a essa extimidade e torna-se âmagô da direção da cura em psicanálise.

Essa urgência foi apontada por Jacques Lacan, no texto *Do sujeito enfim em questão*:

Agora, pelo menos, podemos contentar-nos com a ideia de que, enquanto perdurar um vestígio do que instauramos, haverá psicanalistas para responder a certas urgências subjetivas, ainda que qualificá-los com o artigo definido fosse dizer demais, ou, mais ainda, desejar demais. (LACAN, 1966/1998, p. 237)

Há uma necessidade lógica intrínseca entre o devir analista e a urgência subjetiva, porque assim como não podemos universalizar o psicanalista – porque eles não fazem conjunto –, tampouco podemos universalizar a urgência subjetiva (porque elas não fazem conjunto). Em cada urgência subjetiva há *uma urgência* que obriga eticamente a cernir seu traço singular. Há de se fazer surgir a questão do sujeito ali onde ele se localiza por meio do afeto de angústia. Precisamente, o problema está em querer catalogar a urgência quando, sabemos, trata-se de dar a ela sua dignidade (*das Ding*), qual seja: o *singular* que em cada urgência terá de ressoar, consoar, dis-oar, *dit-soar*. Fazer passar o singular de cada urgência ao plano da fala é uma orientação para o que terá de fazer operar o analista ao acolher alguém que está urgido por um dizer.

Escrevi ao me referir ao acontecimento traumático pelo qual uma urgência subjetiva pode responder:

Abrir um espaço que permita a reconstrução da ficção fantasmática significa gerar as condições para que a fala possa advir. Podemos convir que seja fundamental que o poder da

fala trace as coordenadas simbólicas no tratamento do trauma. É preciso abrir para o tempo de compreender, modo de responder a atuação que a suspensão subjetiva do trauma pode promover. (BERTA, 2015, p. 182)

No encontro com um analista, uma pergunta pelo que des-espera e urge saber pode dar lugar a delimitar a questão que concerne o sujeito. Precisamente porque na situação de urgência suspende-se a questão ao Outro, quando o sujeito não reconhece a dimensão do *Che vuoi?* Os analistas devem trabalhar ao rente do acontecimento que provocou a suspensão dessa pergunta que relança o desejo. Tratar-se-ia de promover um mínimo de deslocamento entre a suspensão da questão ao Outro para relançar o trabalho do inconsciente onde o sujeito se produz.

A temporalidade da urgência subjetiva

Cabe dizer que o trabalho sobre a urgência subjetiva lembra a possibilidade virtual da assunção subjetiva. Razão pela qual evoco, aqui, o que Lacan escrevera, no início de seu ensino, a propósito do tempo lógico. Refiro-me ao texto “O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada”, no qual Lacan (1945/1998) divide em três escansões a resposta do sujeito para assumir sua questão, que, em seus termos daquele momento, refere-se à asserção subjetiva. Em primeira instância, destaquemos o valor dado ao tempo e ao espaço, no sentido de *desespacializar o tempo, sempre falseado pela medida*. Essa observação, que Porge tomou de Minkovski, é de extrema importância para entender o papel da topologia no ensino de Lacan. Em 1955, portanto, nos anos de seus primeiros seminários, ele indicou o motivo que o fez escrever esse texto sobre o tempo, qual seja: a função do tempo. Por esse viés, Lacan almeja distinguir o que é da ordem imaginária e o que é da ordem simbólica. O apólogo apresentado é de sua autoria. O tempo lógico introduz a diferenciação entre o eu (*moi*) e o eu (*je*), ou sujeito da asserção.

Qual é a situação do sofisma para o qual Lacan considera ter construído uma saída perfeita? Vejamos a formulação do problema que ele dá e, a seguir, a solução.

O diretor de uma prisão reúne três prisioneiros, prometendo a liberdade àquele que descobrir a cor do disco que lhe pregara nas costas, disco este que seria escolhido de um conjunto, que incluía três discos brancos e dois discos pretos. Os prisioneiros não poderiam comunicar-se uns com os outros, nem poderiam ver o disco, uma vez que estava colado nas costas. Mas eles, sim, poderiam ver o disco que os outros dois

colegas carregavam. A resposta que eles deviam dar teria de ser *lógica*. Depois de observarem-se *por certo tempo*, os três prisioneiros se dirigem juntos à saída, dizendo a mesma coisa:

Sou branco, e eis como sei disso. Dado que meus companheiros eram brancos, achei que, se eu fosse preto, cada um deles poderia ter inferido o seguinte: *Se eu também fosse preto, o outro devendo reconhecer imediatamente que era branco, teria saído na mesma hora, logo não sou preto*. E os dois teriam saído juntos, convencidos de ser brancos. Se não estavam fazendo nada, é que eu era branco como eles. Ao que saí porta fora para dar a conhecer minha conclusão. (LACAN, 1945/1998, p. 198)

Quem puder ler com ressonância verá, aqui, que as voltas dos “raciocínios” dos prisioneiros evocam aquilo que um sujeito produz a partir do trabalho que a psicanálise oferece, seja pelo cálculo em relação ao Outro, lugar da fala, e lugar do analista; seja pelas voltas de seus ditos para melhor saber do seu padecer.

O que se verifica é que nessas “paradas” existe um progresso lógico que se realiza, a cada vez, com a escansão precedente. E nelas o sujeito não está só. Ele fala com o outro (o semelhante, ou o outro prisioneiro, se quisermos) para poder ouvir o Outro.

Além dessa dedução, há uma urgência para concluir. Entretanto, isso depende de que a certeza que o sujeito tenha se funde somente na expectativa do outro, onde o tempo do atraso do semelhante também faz parte da partida. Portanto, para concluir e alcançar sua certeza, é recuperando esse tempo em atraso. Eis a função da pressa para, finalmente, concluir.

Lacan afirma que essa escansão não está fora do processo lógico, cada escansão representa a instância do tempo no processo lógico. Lacan cifra o tempo, uma vez que os três tempos correspondem a três modos diferentes de assunção dos personagens.

Não é apenas um detalhe pensar que o sujeito não está só, nesse processo, e que ele se faz com o outro, contando com o dado espacial e o temporal. Lemos (2006) aponta que, nesse ato da asserção, o sujeito isola-se por uma cadência temporal do outro, em uma relação de reciprocidade. Essa autora sublinha o caráter de *declaração* que tem esse raciocínio – “assunção subjetiva e asserção lógica ocorrem juntas, ou nada feito” (LEMOS, 2006, p. 368) – e a necessária *desubjetivação* que se liga ao ato. Isso se compreende tanto nesse texto de 1945 quanto no Seminário “O ato psicanalítico”, quando Lacan (1967-1968/1988) exprime, de modos diversos, que o ato está no limite da simbolização, que ele não é sem angústia, porque a angústia não é sem

objeto. E, nesse limite que o ato comporta, comparece a *incompletude* do simbólico que o vazio do objeto suplementa. Porque, embora o objeto não seja da mesma cepa do significante, (1) ele se articula *logicamente* com o significante e (2) ele se torna um *ponto nodal*, na hora do ato.

A partir da temporalidade lógica proposta por Lacan em 1945, lembremos que esse sofisma – e o erro lógico que o define – incide na apreensão da asserção subjetiva que, embora posta em perspectiva com o alcance do Outro, aponta a singularidade das escansões a partir das quais o sujeito se apreende na evidência de sua posição. Dito de outro modo, o sujeito se alcança em seu próprio alvo na medida em que deduz logicamente a verdade (meio-dita) de sua posição.

Duas são as vertentes que me interessa destacar neste momento. Um primeiro ponto é o instante de ver – tempo que reúne o impacto do encontro com uma contingência que ultrapassa as coordenadas simbólicas e imaginárias pela quais enxergamos nossas vidas. Dito de outro modo, momento de impacto que força as bordas da janela fantasmática – do enquadre da realidade psíquica. Tempo de suspensão das coordenadas, instante indelével que fratura a temporalidade em um taxativo antes e depois. Instante marcado pelo afeto da angústia, afeto que não engana. Esse instante pode estrangular qualquer demanda. Eis o problema que encontramos na prática clínica da psicanálise. Isso depende não só do caso por caso, mas da atualidade e dos contextos que promovem a urgência subjetiva e o trauma para uma standardização. Remito, aqui, a uma articulação de Éric Laurent (2006), que afirma que, nesta época de insegurança social, a causalidade é programada. Portanto, as contingências vão sendo apagadas em seu valor principal, qual seja, aquele que as liga com o real e com a consequente responsabilidade clínica de sabermos que as respostas em face ao Real da existência são singulares. Isso não impede que se estabeleçam laços e que a partir deles se possam criar e sustentar movimentos coletivos. Contudo, se a causalidade – no sentido aristotélico – aponta o singular, então, não poderemos tratá-la de modo programado e menos ainda de modo padronizado.

Retomemos o instante de ver que pode criar as condições da urgência subjetiva. *Tyché* traumática que – como venho sustentando com afincos há anos – pode ser apenas um detalhe. Um ruído, um barulho, um sorriso bizarro. Entretanto, também pode ser o estrondo da cena obscena, escandalosamente obscena, e não a obscenidade

sutil. De uma ponta à outra encontramos as versões do inassimilável do trauma, do incompreensível, do que fica por fora de todo sentido e que faz disso a causa de sua insistência, levando muitas vezes a estados de urgência subjetiva.

Esse é o ponto de encontro entre trauma e urgência subjetiva. O evento traumático e a urgência se diferenciam nesse nível. A contingência do evento traumático pode parecer a causa da urgência subjetiva. Tenho me perguntado por isso e respondo que essa é a miragem, uma vez que coloca o acontecimento traumático no nível da *causa*. A urgência subjetiva, se ela é efeito da *causa*, não é pelo acontecimento, qualquer que for. O acontecimento pode ser confundido com a causa, podemos até mimetizá-lo com a causa. Isso dará bastante trabalho para ser desfeito. Portanto, se a urgência subjetiva é resposta ao traumático, este último não se eleva ao nível de causa.

Um segundo ponto que assinalo sobre a temporalidade da urgência subjetiva refere-se à dimensão do ato, em particular do *acting out* e da passagem ao ato. A primeira também se refere ao sujeito em questão, aquele que no limite da articulação significativa, na fratura do incessante movimento da cadeia, promove uma mostraçãõ “a bom entendedor”. Lacan é preciso ao dizer que essa mostraçãõ ainda nos dá a chance da interpretação. Essa urgência subjetiva, entenda-se, pode trazer alguém à análise e também ser seu ponto de fuga. No que respeita à *passagem ao ato*, limite radical, por vezes trágico, da urgência subjetiva, vemos que as possibilidades ficam ainda mais restritas. Lacan é preciso ao dizer que, na passagem ao ato, o que vigora é a identificação com o objeto, a ser entendido em sua versão de dejetivo.

A urgência subjetiva requer, como ponto de partida, a colocação em cena da histerização do discurso. Será preciso poder saber-se dividido por uma questão íntima e que nos intima para incluir, no nível do Outro, o enigma a ser respondido. Como disse anteriormente, a cada urgência subjetiva deve abrir-se a dimensão da fala para visar a um saber. No entanto, isso será possível se, do sem sentido que a urgência subjetiva aponta, trabalha-se com o sentido que possibilite historizar, localizar o sujeito em sua questão.

Referências

- BERTA, Sandra Leticia. *O exílio: vicissitudes do luto. Reflexões sobre o exílio político dos argentinos (1976-1983)*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- _____. *Escrever o trauma, de Freud a Lacan*. São Paulo: Annablume, 2015.

- KIERKEGAARD, Soren (1849). *O desespero humano*. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- LACAN, Jacques (1945). O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. Um novo sofisma. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 197-213.
- _____. (1953). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 238-324.
- _____. (1956-1957). *El Seminario, libro IV. La relación de objeto*. Buenos Aires: Paidós, 1994.
- _____. (1960-1961). *O Seminário, livro 7: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- _____. (1962-1963). *O Seminário, livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- _____. (1966). Do sujeito enfim em questão. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. (1967-1968). *O Seminário, livro 15: o ato psicanalítico*. Recife: Centro de Estudos Freudianos, 1988.
- LAURENT, Éric. El tratamiento de la angustia postraumática: sin estándares, pero no sin principios. In: BELAGA, Guillermo (Org.). *La urgencia generalizada. La práctica en el hospital*. Buenos Aires: Gramma, 2006, p. 31-50.
- LEMOS, Maria Teresa Guimarães de. Extraíndo da angústia sua certeza: a temporalidade do ato. In: LEITE, N. V. A. (Org.). *Corpolíngua: angústia – o afeto que não engana*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006, p. 365-370.
- SELDES, Ricardo. La urgencia subjetiva, un nuevo tiempo. In: BELAGA, Guillermo (Org.). *La urgencia generalizada. La práctica en el hospital*. Buenos Aires: Gramma, 2006, p. 34-42.

Recebido em 7/9/2015; Aprovado em 10/11/2015.